

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Fontes, Artes, Filosofia,
Política, Religião e Recepção

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

ENTRE ROMA E CAPRI: O AFASTAMENTO DE TIBÉRIO COMO MARCO DE INFLEXÃO POLÍTICA EM SEU PRINCIPADO

(Between Rome and Capri: the departure of Tiberius as a political inflection point during his Principate)

RAFAEL DA COSTA CAMPOS (rafaelcampos@unipampa.edu.br)
Universidade Federal do Pampa – Brasil

RESUMO - O presente artigo tem como objetivo analisar o afastamento de Tibério César para a ilha de Capri durante o seu Principado (14-37 d.C.). Para tanto, examinaremos a documentação histórica a respeito, a relevância regional de Capri e da Campânia, e as causalidades e desdobramentos deste evento histórico do ponto de vista político.

PALAVRAS-CHAVE - Tibério César; Capri; Campânia; principado; império romano

ABSTRACT - This paper intends to analyze the departure of Tiberius Caesar to the island of Capri (*Caprea*) during his Principate (14-37 AD). Accordingly, we will examine the related historical evidence, the regional relevance of Capri and Campania, and the causalities and outcomes of this historical event from the political point of view.

KEYWORDS - Tiberius Caesar; Capri; Campania; principate; Roman empire

Os anos de 26 e 27 d.C. abarcaram um importante acontecimento no governo de Tibério César: o *Princeps* e parte de sua corte imperial deslocaram-se da Cidade de Roma para a ilha de Capri. Aparentemente, o fato em si não destoaria de um hábito comum da aristocracia senatorial romana, detentora de propriedades na costa italiana, e bastante acostumada a passar algumas temporadas entre a capital do Império e estas residências. Todavia, o aspecto peculiar do afastamento do *Princeps* do cerne do poder e da vida pública imperial resultou das prováveis intenções e das consequências deste movimento: Tibério não mais retornou para Roma, e em Capri passou o restante de seu governo e os últimos anos de sua vida.

A história sobre a ilha de Capri está relacionada ao desenvolvimento da região italiana da Campânia (originário do grego *Kappanoi*), especificamente a partir do século II a.C. Já neste período a hegemonia romana era incontestável¹; cidades como Cápua, Nápoles, Pompéia e Putéolos constituíram parte de uma

¹ Até então, gentílicos de origem grega e samnítica coabitavam a região em moldes relativamente similares aos povos itálicos oriundos do começo do século V a.C.

rede de integração social e econômica tanto na agricultura quanto para o artesanato e o comércio e que, não por acaso, fora fonte de particular atenção da aristocracia romana, desde o final das guerras púnicas até a morte de Júlio César².

No final do período republicano a região foi espoliada para o patrocínio das campanhas de Otávio contra Antônio, o que o compeliu a uma política de aproximação pela concessão de benesses e obras públicas; uma vez *Princeps*, Augusto indenizou várias cidades da região pela concessão de terras aos seus veteranos³. Igualmente, a localidade de Miseno concentrou um dos principais destacamentos navais militares para a guarnição da costa italiana, bem como se tornou importante entreposto comercial e cosmopolita pela confluência de influxos e indivíduos do Egito, Oriente e da Ásia Menor.

Embora Suetônio afirme⁴ que este *Princeps* não apreciava palácios por demais luxuosos, como qualquer outro aristocrata do período - Cipião Africano, Caio Mário, Lúcio Cornélio Sila e Cícero - ele adquirira um apreço especial pelo litoral e pelas ilhas da região da Campânia. Contudo, mais do que locais de relaxamento e lazer, as propriedades lá existentes durante o período imperial relacionaram-se a estratégias de inovação nas esferas econômica, cultural, social e militar; o interesse de Augusto e seus sucessores na Campânia foi uma continuidade de seu valor estratégico preexistente durante a República. A presença imperial, suas ações administrativas, obras públicas e benfeitorias não devem ser consideradas apenas como apelos pessoais pela região, mas como diretrizes da administração imperial estabelecidas com Augusto⁵.

Em contrapartida, é bastante difícil encontrar comentários positivos sobre a ilha de Capri anteriores à ocupação imperial. Se desde o início da ocupação romana Neápoles havia se tornado o porto mais importante do Mar Tirreno, é provável que Capri tenha permanecido pouco povoada e praticamente irrelevante até o governo de Augusto⁶. Todavia, a partir de 29 a.C. o arquipélago tornou-se uma fonte de desejo, de modo que fora adquirida dos neapolitanos⁷; Capri tornara-se sua propriedade privada e edificações ali começaram a ser construídas. Mas ao invés de estátuas dispendiosas e afrescos, o *Princeps* preferira

² Cassola 1991: 103-110, 118-20.

³ *ibidem* 120-1.

⁴ Suet. *Aug.*72. 2.

⁵ D'arms 1970: 78-82. Isto é perceptível no impacto que uma das mais importantes benfeitorias de Augusto, o aqueduto de Serino (*Aqua Augusta*) trouxe para a região, com uma extensão de mais de noventa e seis quilômetros, cujos reparos foram celebrados em uma inscrição que enumera em ordem de importância as localidades que teriam sido beneficiadas com o abastecimento de água: Putéolos, Neápolis, Nola, Atela, Cuma, Acerra, Baia e Miseno.

⁶ Savino 1991: 417-20.

⁷ Tácito afirma (*Ann.* 4.67.2-3) que outrora os gregos teriam sido os arrendatários da ilha e que esta havia sido habitada pelos Teléboas. Sobre a tradição mítica grega e a origem da ilha de Capri, cf. Federico 1998: 383-89.

jardins e bosques para ornar suas *villae*, onde também antiguidades exóticas eram exibidas: ossos de mamute, de criaturas do mar e grandes feras selvagens, além das armas de grandes heróis⁸. Conquanto Augusto tivesse adquirido grandes propriedades em várias regiões da Campânia, nem todas serviram para o lazer imperial ou alívio dos deveres públicos⁹. Savino acredita¹⁰ que a presença de Augusto significou também intensa atividade política e diplomática, de modo semelhante ao que ocorreria com o seu sucessor, Tibério.

Assim, com relação ao nosso objetivo, expomos de início as razões do afastamento deste *Princeps* para Capri, a partir da documentação literária. Tácito afirma¹¹ que em 26 d.C. Tibério, que durante muito tempo considerou e frequentemente adiou seu plano, finalmente retirou-se para a Campânia, com o intuito de dedicar templos a Júpiter em Cápua e a Augusto em Nola. Conquanto tenha por fim se fixado longe de Roma, Tibério manteve-se a postos para retornar, enviou correspondências a este respeito, e durante seus últimos anos ainda esteve também próximo do litoral ou dos muros da capital¹². Embora tenha seguido a maior parte dos autores de sua época e atribuído a principal razão do afastamento do *Princeps* às ações de Sejano, em virtude de sua permanência após a morte deste último, Tácito afirma¹³ que a real motivação originou-se dos próprios desígnios do Imperador, que desejava esconder sua ferocidade e devassidão. Este autor também argumenta¹⁴ que houve aqueles que acreditavam que Tibério incomodara-se profundamente com sua aparência física resultante da velhice (apesar de ter continuado esguio, apresentava calvície e o rosto coberto por pústulas, que eram tratadas com cosméticos), e como durante seu exílio em Rodes, ele evitara encontros e preferira dar vazão aos seus prazeres. Mais ainda, Tibério foi vencido pela intransigência de sua mãe, a quem Tibério rejeitara a interferência política sem poder demovê-la de sua posição pela influência, já que ela teria assegurado proeminência na ascensão ao Principado; teria sido ela que evitara que Germânico César, preferido de Augusto e do povo romano assumisse o poder, e que implorara para que o falecido *Princeps* associasse Tibério como seu pai adotivo: estes teriam sido os argumentos que justificaram as constantes

⁸ Suet. *Aug.* 72. 3.

⁹ D'Arms 1970: 77-9. Augusto possuía *villae* em Capri, Surrento, Pausílipos, Baia e Nola. Como em relação ao envio de Júlia Augusta para a ilha de Pandatéria em 2 a.C., o exílio para as ilhas da Campânia tornara-se uma recorrente forma de punição infringida sobre os membros da família imperial.

¹⁰ Savino 1991: 422.

¹¹ *Ann.* 4. 57; Suet. *Tib.* 40.

¹² Tac. *Ann.* 4. 58; Dio. *H.R.* 58. 1.

¹³ Tac. *Ann.* 4. 57.

¹⁴ *ibidem* 4. 57.

reclamações de Lívía a seu filho e os seus pedidos por compensação¹⁵.

A comitiva que acompanhara Tibério em seu afastamento para Capri teria sido bastante pequena. Tácito afirma¹⁶ que nesta estavam presentes um senador e ex-cônsul, Coceio Nerva; além de Sejano, outro proeminente equestre chamado Cúrtio Ático (eliminada pelo primeiro anos depois), e o restante composto por indivíduos versados nas artes liberais, em sua maior parte gregos. Nesse ínterim, astrólogos teriam dito ao *Princeps* que as motivações de seu afastamento possuíam algo em comum com os movimentos dos planetas, e que da mesma maneira estes lhe negavam o retorno para Roma; esta teria sido a motivação para a eliminação de tantos indivíduos que predisseram e tornaram públicas as expectativas para seu rápido fim, embora nenhum deles tivesse previsto o fato de que Tibério permaneceria os próximos onze anos de sua vida longe por opção¹⁷.

Suetônio aponta¹⁸ que Capri teria atraído o Imperador em razão da dificuldade de acesso: repleta de rochedos íngremes e penhascos, e rodeado por um mar profundo, uma pequena praia era a única forma possível de entrada na ilha. Tácito reitera¹⁹ estes critérios: Capri posicionava-se a quase cinco quilômetros da parte mais alta da costa, em meio a um mar bastante agitado, sem refúgios para o ataque de embarcações; e era praticamente impossível aproximar-se da ilha sem o conhecimento da guarda imperial.

E teria sido durante este período que um fato endossou os temores de Tibério. Em um banquete oferecido pelo *Princeps* em uma *villa* chamada Espelunca (*Sperlonga*), construída em meio às rochas e em uma caverna, um deslizamento provocou pânico entre os presentes. Sejano lançara-se sobre Tibério e o protegera das rochas com o próprio corpo, tendo sido posteriormente descobertos pelos soldados que vieram socorrê-los. Este fato teria ampliado ainda mais a confiança do *Princeps* em relação ao prefeito da guarda pretoriana²⁰. Mais ainda, Tibério teria lançado um edito que proibia qualquer um de interromper sua paz, fazendo com que os habitantes das localidades próximas fossem mantidos à distância pelos soldados²¹.

Entretanto, pouco tempo após ter se instalado em Capri, Tibério tivera de retornar para a costa italiana em decorrência de um terremoto na cidade de Fide-nae²². Suetônio afirma²³ que as imprecações da população diante deste desastre

¹⁵ *ibidem*, 4. 57.

¹⁶ *ibidem*, 4. 58.

¹⁷ Tac. *Ann.* 4. 58.

¹⁸ Suet. *Tib.* 40.

¹⁹ Tac. *Ann.*, 4. 67.

²⁰ Tac. *Ann.*, 4. 59.

²¹ *ibidem*, 4. 67.

²² *Ibidem*, 4. 62.

²³ Suet. *Tib.* 40.

obrigaram-no a aparecer novamente. Por outro lado, este mesmo autor afirma²⁴ que após retornar para Capri deste incidente, Tibério passou então a negligenciar a condução dos assuntos públicos, nunca mais tendo preenchido as vagas das decúrias, substituído os tribunos militares ou os governadores de quaisquer províncias²⁵.

Há certo exagero da parte de Suetônio, embora de fato tenha sido uma das características de Tibério a longa permanência de governadores de províncias e outros postos de confiança nas mãos de poucos associados do *Princeps*. Por outro lado, o distanciamento e a crescente impopularidade de Tibério permitiram com que uma amplitude de rumores e estórias sobre sua conduta privada fosse tecida pela tradição romana. Embora Tácito e Dion Cássio eventualmente tenham se valido da enumeração dos rumores e boatos em suas narrativas, os “segredos” da corte imperial recebem enorme importância da parte de Suetônio. Certamente o afastamento de Tibério do contato presencial com a população de Roma – em seus diversos segmentos sociais – contribuiu para estimular a construção alegórica do comportamento privado do *Princeps*, e é impossível distinguirmos o que é crível daquilo que é fantasioso dentro de todo um conjunto de estórias de perversões e extravagâncias sobre ele, em seu desejo aparentemente obsessivo de preservação da sua privacidade²⁶.

Neste sentido, Capri teria sido um lugar adequado para as orgias secretas do Imperador, com devassos de ambos os sexos especializados em sodomia e depravação, e que fornicavam em trios para estimular suas paixões²⁷. As descrições são inspiradas. Os aposentos imperiais teriam sido decorados com esculturas e pinturas impudicas; havia uma livraria composta de manuais eróticos cujas posições eram executadas por um ator quando necessário; crianças vestidas de ninfas e *pans* (divindade grega protetora dos pastores) permaneciam posicionadas em recantos e preparadas para intercursos que justificavam o nome do lugar como o jardim do bode velho²⁸. Mais ainda, a morte de uma matrona senatorial chamada Malona teria revelado o seu hábito de abusar sexualmente de mulheres: uma vez que ela se recusara a se submeter ao *Princeps*, este teria feito com que fosse

²⁴ Suet. *Tib.* 41.

²⁵ De acordo com Suetônio (*Tib.* 41), Tibério deixou a Hispânia e a Síria sem governadores por vários anos, permitiu que a Armênia fosse varrida pelos partas, a Moésia assolada pelos dácios e sármatas, bem como as Gálias pelos germanos.

²⁶ O anterior afastamento para Rodes pode ter contribuído em certa medida para fomentar críticas sobre a maneira como Tibério lidava com as pressões políticas e pessoais. Ressentimento ou frustração podem ter sido perfeitamente confundidos com arrogância, lugubridade ou devassidão, percepções inflamadas ao longo dos anos pela maneira como o *Princeps* lidara com os acontecimentos mais conflituosos de seu governo, sobretudo em relação ao comportamento da família imperial.

²⁷ Suet. *Tib.* 42. 1.

²⁸ *ibidem* 44. 1.

denunciada por acusadores no Senado, que por sua vez buscou o suicídio pela desonra provocada²⁹.

Diante deste arrazoado, cremos ser difícil nos contentarmos com as causas pontualmente atribuídas pela documentação para explicar o afastamento de Tibério em 26 d.C. A nosso ver, tais fatores apareceram pontual e gradualmente ao longo dos primeiros anos de seu governo. Sendo assim, já durante o começo de seu Principado, Tibério sinalizou algum interesse na possibilidade de que um dia ele pudesse ser aliviado de seu fardo, das responsabilidades do posto político alcançado³⁰. Podemos sintetizá-los em dois aspectos principais, não dissociáveis entre si: as disputas internas ao ambiente da corte imperial e às dificuldades de governar em um momento em que a própria instituição do Principado estava no início de seu processo de consolidação.

Dentro da residência imperial, havia uma deliberada animosidade entre os núcleos familiares da *gens* Júlia, capitaneados por seu lado por Germânico César, sua esposa Agripina e seus descendentes, bem como da *gens* Cláudia, representados por Tibério, sua mãe Lívia, e o núcleo familiar de seu filho Druso Cláudio. A partir desses núcleos, outros agentes da aristocracia senatorial e equestre variavelmente se incrustaram a esse contexto. Dois eventos são representativos e aparecem na documentação enquanto elementos que introduzem o ambiente interno do governo deste *Princeps*.

Sendo assim, imediatamente à morte de Augusto, a opinião pública – especialmente a aristocracia – teria se visto às voltas com relações suspeitas de Tibério, Lívia e o consorte Salústio Crispo com o assassinato (ou morte) de Agripa Póstumo³¹, filho caçula de Júlia, que assim como este último, fora exilada por Augusto anos antes³² da ascensão do novo Imperador. Este foi o estopim de uma série de intrigas que, por um rápido exame da documentação literária sobre Tibério, poderíamos concentrar em relações de inimizade entre as mulheres imperiais, especialmente entre Lívia e Agripina, personalidades extremamente populares e influentes no plano político aristocrático. Neste ínterim, o receio de uma rápida ascensão de Germânico – que já havia sido condicionada à tutoria de Tibério e seguiria um modelo estabelecido por Augusto com os falecidos Gaio e Lúcio César – teria eclodido pela forte popularidade por este angariada durante suas viagens ao Oriente, e ampliada diante dos rumores sobre seu envenenamento pelo governador da província da Ásia, Gneio Pison em 19 d.C., relacionados – inconclusivamente pela documentação – a Tibério e Lívia.

Para piorar, em 23 d.C. Druso César, filho de Tibério e Lívia, também falecera por envenenamento, o que teria sido revelado anos depois, mas que de todo

²⁹ *ibidem* 45.

³⁰ Tac. *Ann.* 1. 11.

³¹ 14 d.C., pouco após o falecimento de Augusto.

³² Júlia Augusta: 2 d.C.; Agripa Póstumo: 7 d.C.

modo agravaram ainda mais as animosidades na corte imperial e acirraram as circunstâncias do processo de sucessão dinástica. Esses fatores trouxeram esgotamento para um *Princeps* que aparentemente começou a ver sua posição de *pater familias* ameaçada dentro da residência imperial. O ambiente de intrigas, disputas e conflitantes relações de poder dentro da corte não contribuíram para que houvesse alguma forma de alívio para esta situação em Roma.

Com relação à sua interação com o restante da aristocracia e os membros do Senado, a situação fora igualmente complexa. De modo geral, as narrativas apresentam coerência no seguimento de um cânone comum que avaliou de forma positiva o período em que este *Princeps* estivera em Roma, especialmente sobre a administração provincial e a preservação do prestígio político das instituições. Em contrapartida, especialmente nos primeiros anos, e mesmo na narrativa oficiosa de Veléio Patérculo, o equilíbrio entre as prerrogativas do Imperador e as de seus pares políticos foi o principal desafio e a principal fonte de controvérsias. De antemão, Dion Cássio enfatiza – já sob o olhar do século III d.C. – que entre a combinação de monarquia e democracia de Augusto houve mudanças, pois Tibério era um homem diferente³³. Durante os primeiros encontros com o Senado, a divisão das tarefas e seu significado foram imediatamente postos à prova: Tácito, Dion Cássio e Suetônio, os três com variações de detalhes, impuseram³⁴ artificialidade no interesse de Tibério em dividir as atribuições políticas, bem como realçaram a insatisfação de seus interlocutores na sua demora para assumir efetivamente a soberania de sua posição, que, como ironizou Suetônio na voz dos senadores, demorava demais em aceitar o que já estava fazendo.

Por passagens como essas, que se repetem com algumas variações de assunto, especialmente na construção analítica de Tácito, acreditamos que o início de seu governo já apontava para o delicado conflito de posições entre o Imperador e o Senado, um indício do que ocorreria durante o restante de seu governo. Isso também ocorreu sob Augusto, conquanto a idiossincrasia do Principado de Tibério resida na falta de percepção deste sobre a inevitabilidade sua autoridade, ou no reconhecimento de que o resultado das experimentações políticas de seu antecessor e a detenção de poderes idênticos aos dele é que lhe fariam um soberano, não restando a ele opção outra que a reafirmação. Assim, a documentação literária converge para uma apresentação das dificuldades de conciliação entre as antigas práticas deliberativas republicanas e a existência *de facto* de um *Princeps*, de novas condições políticas. E sobre essas últimas, mais do que os interesses institucionais, eram os anseios e ambições de seus membros que determinaram a forma como os senadores buscaram se adaptar individualmente diante da presença inequívoca de um soberano cujo favorecimento e apoio determinaram o futuro de cada um deles.

³³ D.C. *H.R.* 56. 43; *ibidem* 56. 44; *ibidem* 56. 45.

³⁴ D.C. *H.R.* 57. 2. Tac. *Ann.* 1. 11-13; Suet. *Tib.* 24. 1.

É importante ressaltarmos que o afastamento de Tibério para a ilha de Capri não significou absoluto isolamento pessoal ou rompimento com o estilo de vida de outrora. Além das motivações políticas que fizeram com que Tibério se afastasse de Roma, a escolha de Capri como morada dificilmente teria sido considerada algo incomum durante o período, uma vez que sair de Roma e deslocar-se para alguma propriedade na região da Campânia era um hábito comum da aristocracia, por agregar belezas naturais e efervescência cultural: estâncias termais, cavernas e jardins coexistiam com filosofia e passatempos literários; tanto Augusto quanto Tibério transitavam por diferentes *villae* imperiais em Surrento, Túsculo, Antio, e Miseno³⁵.

O que lá poderia ser tão atrativo para Tibério? Em primeiro lugar, se uma ilha era o mais apropriado refúgio de todos os problemas existentes, Capri estava estabelecida como um espaço geográfico estratégico³⁶. Além de bela, os limites de seu acesso permitiam-na que fosse bem vigiada, ao mesmo tempo em que não impedia a construção de suntuosas residências para o Imperador e a corte. De acordo com John D'Arms³⁷, não somente o Imperador, mas uma parte significativa da aristocracia romana entre o final da República e os dois primeiros séculos do Principado sentira-se atraída pela confluência de quatro atrativos na região da Campânia: econômicos, higiênicos, estéticos e, principalmente, por uma considerável influência da cultura helênica que continuara se fazendo presente na região. Se por um lado a *villa* foi uma invenção tipicamente romana, neste contexto esta foi um ambiente de transposição de aspectos da tradição grega revigorados em solo romano. Na Campânia, a fusão de características da cultura grega e romana encontrou condições propícias de florescimento, tendo permeado as estruturas municipais romanas e encorajado seus cidadãos a absorver parte dos hábitos ou da cultura grega³⁸. Assim, frequentá-la constituiu-se como uma distração aristocrática que combinava lazer, arte, vida intelectual e eventos sociais que se opunham às pressões políticas e sociais tão características de Roma³⁹. Refinamento, lazer e erudição interligaram-se e floresceram nos arredores da baía de Neápoles e no restante desta parte da costa italiana⁴⁰.

³⁵ Cf. Rogers 1945.

³⁶ Cf. Bowersock 1965: 75; Houston 1985: 182. Distante apenas vinte e nove quilômetros de Miseno, base naval imperial na península itálica, tal posição tornava possível ao *Princeps* solicitar visualmente a aproximação de embarcações para a ilha, cujo trajeto para o continente variava entre quatro e oito horas, de acordo com a força e a direção dos ventos. Igualmente, a distância de Capri para Putéolos, um dos principais centros de importação de grãos e o principal porto comercial da costa oeste italiana, era de apenas aproximadamente trinta quilômetros.

³⁷ D'Arms 1970: 165.

³⁸ *ibidem* 167.

³⁹ D'Arms 1970: 45; 129-32; Houston 1985: 180.

⁴⁰ D'Arms 1970: 166.

Durante o governo de Tibério, o conjunto de *villae* lá construídas tornaram-se residência oficial e cerne das decisões últimas que regeram o Império Romano. Os resquícios arqueológicos encontrados no sítio de Capri demonstram que a estrutura arquitetônica imperial existente durante o período deste *Princeps* era ampla⁴¹. Além da grande quantidade de edifícios, muitos deles eram bastante grandes: os mais de cinco mil metros quadrados da residência do Imperador em Capri representavam mais que um terço do tamanho da *Domus Tiberiana* na Cidade de Roma, com a exceção das construções posteriores ao seu período, conquanto devam ser também adicionados os jardins e construções anexas à morada principal de Tibério na ilha, ou mesmo as demais residências construídas, se compartilharmos do pressuposto de que toda a ínsula era por princípio a residência imperial deste *Princeps*⁴². E enquanto residência, centro político e administrativo, e também enquanto uma típica propriedade aristocrática da região da Campânia, Capri deve ter contado com a presença de uma corte, que abarcara desde membros da família imperial até libertos, escravos e demais funcionários que compunham a estrutura do palácio, em moldes semelhantes aos de Roma.

A *Villa Iovis*, estabelecida no promontório oriental da ilha (o chamado “Monte Tibério”), a 334 metros do nível do mar, é a edificação que possui a mais grandiosa arquitetura no conjunto dos resquícios arquitetônicos encontrados. Amadeo Maiuri afirma⁴³ que Tibério (ou seus encarregados) teria tido uma interessante percepção arquitetônica, o que nos leva a imaginar um edifício que simultaneamente combinou a impressão de uma fortaleza encravada nas rochas, um lugar ermo ou um castelo, mas também de um refúgio aprazível pela presença de enormes aposentos e terraços ajardinados.

Clemens Krause afirma⁴⁴ que a construção da residência imperial de Tibério em Capri foi o resultado de uma combinação entre o interesse por seu posicionamento geográfico, a peculiaridade de sua topologia (uma vez que o edifício que servira como morada a Tibério posicionara-se na parte mais alta da ilha), e o desejo de fazer desta morada um ambiente de grande requinte. Estes fatores

⁴¹ Provavelmente algumas delas teriam sido remodeladas e adaptadas para comportar o quantitativo de pessoas e as necessidades de todos que vieram com a corte imperial, embora outras tivessem sido construções novas, como a *Villa Iovis*, que é mencionada por Suetônio (*Tib.* 65. 2) no contexto da eliminação de Sejano: após sua morte, Tibério teria ficado quase nove meses sem sair desta *villae*. Posteriormente, entre os séculos XVIII e XIX, as ruínas da ilha de Capri, situadas em meio a inúmeras outras ruínas ou construções medievais e modernas, foram desordenadamente exploradas e catalogadas; as pilhagens e a falta de zelo dos primeiros esforços arqueológicos até quase o primeiro terço do século XX dificultam e muito os atuais esforços que visam constituir reaproximações de seu traçado original. Entre as doze construções que foram relacionadas às evidências históricas mencionadas, a mais importante foi a construção relacionada à atribuição oferecida por Suetônio.

⁴² Houston 1985: 180.

⁴³ Maiuri 1956: 34-6.

⁴⁴ Krause 2005: 259-61.

culminaram em uma construção arquitetônica bastante singular, pois sua planta foi concebida na tentativa de conciliar o relevo do terreno e a paisagem. Mais ainda, a semelhança entre a *Villa Iovis* e a *Domus Tiberiana* (esta última posterior) pressupõe que a primeira tenha sido uma influência decisiva para o palácio imperial que só foi finalizado durante o governo de Domiciano.

Embora sem apontar o contexto, Suetônio afirma⁴⁵ que o *Princeps* era dedicado aos estudos literários tanto em latim quanto em grego. Tibério teria composto um poema lírico dedicado a Lúcio César, recebia comentários ou dedicações nas obras de outros autores, costumava travar disputas sobre mitologia com gramáticos, e inclusive compusera sua autobiografia⁴⁶. O entusiasmo pela cultura grega também fazia parte do espírito aristocrático de sua época. Assim como durante o seu exílio em Rodas, também em Capri Tibério rodeara-se de intelectuais gregos, tendo manifestado cotidianamente seu profundo interesse pela filosofia, pela língua e pela mitologia. A conduta de Tibério refletiu sua preferência pelos temas filosóficos e literários em detrimento das performances teatrais ou mesmo esportivas manifestadas em Nero.

Colateralmente, a mesma preferência pode ter contribuído para nutrir uma imagem arrogante perante a população, uma reclusão que, livre das atribuições políticas da cidade de Roma, referendava sua busca de erudição pelos componentes filosóficos e literários da cultura grega⁴⁷. Outro exemplo notável desta influência aparece na já mencionada *villa* de Espelunca (*Sperlonga*), que apresenta indícios de um programa unificado de técnicas de composição feitas sobre o mesmo mármore e provavelmente pela mesma oficina (talvez da Ásia Menor). Originária do período de Augusto, similaridades estéticas propõem que a fachada interna teria sido reformada por Tibério sob o encargo de artesãos gregos de Rodas, dos quais o *Princeps* tinha conhecimento e apreciação do trabalho⁴⁸.

⁴⁵ Suet. *Tib.* 70. 1.

⁴⁶ *ibidem* 61.

⁴⁷ Rutledge 2008: 465-7.

⁴⁸ Stewart 1977: 76-8; 83-7. Neste sítio arqueológico, a temática das esculturas de *Sperlonga* que envolvem o *triclinium* (sala de jantar) da caverna pressupõe que seu proprietário detinha um gosto bastante erudito e peculiar por elementos da mitologia grega, e que estavam bastante em voga durante o período Júlio-Claudiano; se relacionarmos a predileção de Tibério pela cultura grega, bem como sua predileção por banquetes relacionada acima, além da evidência do fatídico desmoronamento em 26 d.C. – e que culminou, de acordo com a tradição, no fortalecimento dos laços de confiança entre Sejano e o *Princeps* – é plausível que todo o conjunto de esculturas ali estabelecidas foi fruto do desejo de Tibério. Conforme dedutível de outras evidências – como as menções elementos mitológicos e eróticos da cultura helenística presente nos hábitos do Imperador em Capri – é possível crer que as várias representações de Odisseu em diferentes momentos da narrativa da *Odisséia* de Homero também façam menção a uma autorepresentação do *Princeps*. De maneira similar a Odisseu, Tibério havia passado boa parte de sua vida fora de sua cidade natal, bem como compartilhava de características do herói homérico, como o penetrante intelecto, o zelo excessivo, a aspereza proverbial e o orgulho perante os próprios feitos militares. Embora isto não pareça em última instância algo

Podemos assim afirmar que o fascínio pela cultura helenística não foi fonte de estranhamento por parte dos contemporâneos de Tibério. Por outro lado, relativamente poucos aristocratas optaram por viver permanentemente fora de Roma. O estranhamento daqueles que escreveram sobre seu governo consistiu, portanto, no fato de ele nunca mais ter regressado para Roma, e principalmente por Tibério ter escolhido a localidade pouco comum de Capri como o ambiente de seu refúgio⁴⁹. A despeito do distanciamento físico da cidade de Roma e o interesse do *Princeps* de selecionar suas companhias em seu afastamento, a vida social e os compromissos políticos oriundos de suas relações com outros cidadãos não cessaram completamente. É mais correto dizer que as peculiaridades da ilha contribuíram para estabelecer um filtro no que diz respeito às interações socio-políticas entre soberano e seus governados.

Já observamos que Tibério não deixara de retornar para o continente; suas viagens pela costa italiana e seu território adentro supuseram contatos com outros aristocratas ou mesmo membros da família imperial. Igualmente, alguns destes últimos frequentaram sua corte em Capri: entre 27 e 30 d.C. é provável que Druso (filho de Agripina) acompanhado de sua esposa Emília Lépidia possam ter permanecido algum tempo na ilha, uma vez que ele será reconduzido aprisionado de algum lugar não especificado para Roma em 30 d.C.

Neste mesmo ano Gaio César também será enviado para Capri, onde provavelmente permanecera o restante de todo o governo de Tibério, possivelmente acompanhado de sua esposa Júnia Claudila a partir de 33 d.C., pelo menos até sua morte em decorrência do parto, tempos antes do falecimento do *Princeps*. Por último, provavelmente Tibério Gemelo também pode ter permanecido durante algum tempo em Capri, uma vez que ele é mencionado dentro do mesmo contexto de Gaio César, no período próximo de sua ascensão. Antônia, historicamente relacionada à descoberta da eventual conspiração de Sejano, possuía uma *villa* em Miseno, o que nos ajuda a pressupor a possibilidade de que ela possa ter visitado Tibério em Capri⁵⁰.

Além de membros da família imperial, outras companhias teriam frequentado a corte. O futuro Imperador Vitélio provavelmente estivera presente⁵¹, e também Galba, que possivelmente lá recebera a previsão de Tibério de que um dia também se tornaria um *Princeps*⁵². De modo semelhante, Herodes Agripa, rei da Judéia, teria se encontrado com Tibério em Capri; Asínio Galo recebeu ordem de Prisão após a celebração de um banquete na ilha, e dois antigos amigos

conclusivo, ajuda-nos a corroborar a empatia e a erudição de Tibério no que dizia respeito a estes componentes da cultura grega.

⁴⁹ Houston, 1985: 181-2.

⁵⁰ Plin. *N.H.* 9. 172. Cf. Houston 1985: 184.

⁵¹ Suet. *Vit.* 3. 2. Cf. Houston 1985: 184.

⁵² Tac. *Ann.* 6. 20.

do *Princeps* que estiveram com ele em Rodes, Vesulário Flaco e Júlio Marino, foram condenados à morte após serem julgados em Capri pelo envolvimento com a conspiração de Sejano. Sexto Vestílio, ex-pretor, cometera suicídio quando tivera sua permissão de acesso negada por Tibério⁵³, o que pressupõe que em algum momento ele possa ter visitado o *Princeps* em sua corte fora de Roma; este fato é um exemplo da possibilidade de que uma aproximação com o Imperador era possível, e a despeito das limitações de acesso, podemos pressupor uma movimentação de aristocratas e outros associados de Tibério e da família imperial entre Roma e Capri⁵⁴.

Para além das companhias que iam e vinham da corte em Capri, é possível que tenha havido outras que lá permaneceram de modo mais ou menos permanente. O senador Cocceio Nerva teria sido o único membro desta ordem social que permanecera praticamente todos os seus últimos anos com Tibério; Nerva, além de versado em direito, teria sido responsável pelo abastecimento de água em Roma entre 24 e 33 d.C., ano de sua morte⁵⁵.

Além de Cúrtio Ático, que morrera como uma das vítimas das intenções de Sejano⁵⁶ o restante da comitiva era de estudiosos gregos. Sejano e Macro, embora fossem presenças constantes, também vinham e voltavam para Roma, assim como é possível que Ênia, esposa deste último tenha estado em companhia de Gaio César e, consequentemente de Tibério em algum momento entre 36 e 37 d.C. Entre os gregos, dois podem ser identificados: o primeiro foi Trasílo, astrólogo e astrônomo alexandrino e companhia do *Princeps* desde seu exílio em Rodes, casado com Aka, princesa da Comagênia, cujo filho era um membro da corte imperial no período anterior à ascensão de Nero⁵⁷ e morrera em 36 d.C., pouco menos de um ano antes de Tibério⁵⁸.

O segundo é Cáricles, médico e conselheiro pessoal do *Princeps*, embora só possamos confirmar sua presença de fato nos últimos dias anteriores à morte deste último. Outro associado de origem grega pode ter sido Tibério Júlio Papo, responsável pelas bibliotecas imperiais em Roma durante os governos de Tibério, Gaio César e Cláudio, cuja designação *comes* (associado) encontrada em uma inscrição evidencia a possibilidade de que este tenha sido não apenas um mero funcionário, mas um conselheiro pessoal do *Princeps*, conforme fora Trasílo ou Cáricles⁵⁹.

Deste modo, é provável que a residência imperial de Tibério em Capri tenha

⁵³ *ibidem* 6. 9.

⁵⁴ Houston 1985: 184-5.

⁵⁵ *Front. de aq.* 102. Cf. Houston 1985: 186.

⁵⁶ *Tac. Ann.* 6. 10.

⁵⁷ *ibidem* 6. 22.

⁵⁸ *Dio. H.R.* 58. 27; *Suet. Tib.* 62.

⁵⁹ *L'Anee Epigraphique*, 1960. 26 apud Houston 1985: 186-7.

contado, dadas as proporções, com um aparato de corte não menos significativo do que a existente em seu palácio na cidade de Roma. A escassez de evidências na documentação não nos permite extravasar certos limites, mas é plausível que as dependências imperiais na ilha tenham contado com um corpo de funcionários, companhias pessoais do *Princeps* e dos membros da família imperial lá presentes, bem como libertos, escravos, e evidentemente soldados. Em um primeiro momento, as motivações de Tibério para ter se afastado de Roma e passado os seus últimos anos na região da Campânia não teriam sido nada estranhas aos olhos da aristocracia italiana ou mesmo entre provinciais, uma vez que o destino escolhido pelo Imperador fora uma preferência de seu antecessor e de inúmeros outros romanos desde o período republicano, que buscavam lá as mesmas distrações aos compromissos públicos da capital.

Entretanto, de modo diferente da maior parte de seus concidadãos, Tibério não retornara para Roma, e este fato contribuiu negativamente para a preservação dos naturais laços de amizade (*amicitia*) e interação política com muitos dos membros da ordem senatorial e equestre. Embora fosse uma atitude tipicamente romana viajar para a Campânia e desfrutar dos lazeres e do refinamento intelectual de matrizes gregas presentes nessa região, também era presumível que um romano voltasse tempos depois para Roma e para os seus deveres como cidadão.

Tibério criou um experimento político genuíno pela transferência do cerne do poder decisório para um arquipélago: de lá passou, para todos os efeitos, a governar o império e controlar os vínculos com seus pares. Em Capri, o *Princeps* agiu como um homem de seu tempo; suas distrações e prazeres eram os mesmos de seus concidadãos, e como um legítimo aristocrata romano filelênico, não via incoerência ou excentricidade em suas escolhas ou passatempos intelectuais. A peculiaridade de seu afastamento para a ilha foi posterior e, mais uma vez, política. Diferentemente dos demais romanos, o Imperador não retornou para Roma. A predileção pela cultura grega e pelo ambiente ameno da Campânia justificou a escolha de Tibério por este local, mas o que o manteve lá por tanto tempo, e como agiu desde então se justificou pela necessidade de restringir o acesso e a interferência daqueles que ficaram alheios à corte que neste arquipélago foi estabelecida. De sua parte, manteve contato com seus interlocutores mediante visitas breves ou correspondências imperiais.

Os desdobramentos de seu afastamento, embora possam ter trazido em parte a tranquilidade de uma velhice amena, sem o *mise-en-scène* do cotidiano público da Cidade de Roma, apenas agravaram a anterior situação da qual provavelmente Tibério, em vão, tentara afastar-se física e geograficamente. Em 26 d.C, quando decidira sair de Roma e aos setenta anos de idade, a morte gradual de vários de seus amigos, associados e interlocutores políticos deixou-lhe cada vez mais isolado. Em termos políticos e administrativos, esta condição foi parcialmente remediada pelo suporte de Sejano.

Se o apoio do prefeito da guarda pretoriana constituiu-se como um mecanismo que viabilizou a continuidade da governança fora de Roma, em contrapartida outros problemas surgiram. De fato, teremos uma inflexão política em seu Principado: o período inicial do governo de Tibério manteve a ativa participação do *Princeps* no âmbito das deliberações senatoriais, fato particularmente importante para o contexto de experimentação e confirmação de seus poderes no período imediatamente subsequente ao fim da República. A despeito de quais foram de fato suas esperanças - se é que haviam - quanto ao retorno de um Senado autônomo, mais consciente de seu próprio passado republicano, ou pelo menos mais bem coligado com sua visão pessoal sobre governar, e não obstante o *Princeps* ainda tivesse incitado o Senado a agir espontaneamente, o afastamento contribuiu ainda mais para o arrefecimento da iniciativa de seus membros.

Longe de Roma, o referencial político para promover ou refrear as ações essencialmente particularistas de senadores e equestres (ou seja, sua própria pessoa) não estava mais visível e só se fazia perceptível mediante correspondências sujeitas à manipulação de seus assessores. A soma destes fatores fez com que o debate político na capital do Império se tornasse gradualmente algo praticamente supérfluo ou perigoso.

E neste contexto Lúcio Aélio Sejano expandiu sua influência, na medida em que Tibério tornou-se cada vez mais dependente das informações por ele trazidas. Braço-direito e assessor do soberano nas responsabilidades do governo, ao coordenar as deliberações sobre as questões cotidianas da administração e a atuação de seus pares mediante as correspondências enviadas pelo Imperador, o prefeito do pretório obteve liberdade para executar seus desígnios sem receio de ser imediatamente coibido ou punido pelo *Princeps*. Igualmente, tornara-se mais fácil para Sejano fazer com que o ressentimento oriundo de suas ações recaísse diretamente sobre Tibério e possivelmente isolá-lo ainda mais daqueles que poderiam alertá-lo sobre as iniciativas do primeiro, e vice-versa. Isolado de interlocutores e conselheiros para a administração do Império, Tibério não se vira imune ao impacto negativo que as consequências das ações do primeiro trouxeram para a sua reputação, principalmente a eliminação do núcleo familiar de Agripina⁶⁰.

O fato de não ter conseguido promover um governo apoiado na proatividade do Senado, o isolamento político no interior de sua própria residência, e a consequente frustração com a soma destes dois aspectos motivaram seu afastamento para Capri. Nesse sentido, ampliaram-se problemas intrínsecos à própria natureza deste sistema de governo em linhas primárias de consolidação. Somados ao distanciamento do soberano, em um regime político em que inicialmente a presença (ou a representação) do Imperador sustentará em larga medida a continuidade e o consenso sobre o seu próprio poder, estes fatores por fim definiram

⁶⁰ Shotter 2004: 67-8.

os anos finais de Tibério e sua sucessão. Após a eliminação de Sejano em 31 d.C., Névio Sutório Macro assumiu o posto de prefeito da guarda pretoriana e continuou a utilizar a influência que este cargo possuía para construir as relações de acesso ao futuro Imperador, Calígula, embora sem o mesmo ímpeto de seu antecessor. Em contrapartida, a morte de Sejano não alterou a animosidade entre os membros da aristocracia e tampouco fez com o *Princeps* retornasse em definitivo para Roma.

Em verdade, durante os anos finais do governo de Tibério percebe-se que o infortúnio quanto ao destino de inúmeros aristocratas perseguidos, a eliminação de membros da família imperial populares perante a plebe, bem como a antipatia desta última por Tibério, acrescidos de um imaginário de perversidade alimentado pela sua consciente reclusão contribuíram para sua má-posteridade e de seu governo. Alheio ou mesmo avesso à opinião outra que não fosse da de seus próprios pares – e mesmo essa última, na medida em que sua morte se aproximava, já nem parecia tão relevante – a impopularidade foi a principal mácula que caracterizou sua posteridade; esta qualificação sobreviveu na tradição aristocrática porquanto viera acompanhada da provável obliteração pelo restante da população. Nos últimos momentos de sua vida e governo, Tibério sabia que os olhares já se direcionavam para Gaio César; e a essa mesma tradição não tardou a percepção de que a existência de um “mau imperador” seria uma condição com a qual os sujeitos próximos do poder teriam de lidar pelo restante da história do mundo romano.

Por último, podemos dizer que o falecimento de Tibério em 37 d.C., encerrou o período de proeminência de Capri; se esta havia adquirido destaque após sua aquisição por Augusto, que iniciou uma série de obras arquitetônicas que, posteriormente ampliadas por Tibério, fizeram da ilha um novo centro decisório do poder romano, nenhum outro Imperador demonstrará – pelo menos os testemunhos se calam a respeito – o mesmo interesse de antes. Esta tornou-se apenas um pequeno elemento dentro do imenso patrimônio dos imperadores e, com a exceção de esparsos resquícios arqueológicos, têm-se um registro eclesiástico de que Capri foi em 523 d.C. doada por certo senador chamado Tertullo para a abadia de Montecassino, ação ratificada pelos imperadores Justiniano e Justino. Verdadeiro ou não, em certa medida o documento sugere que em determinado momento do último período imperial Capri deixou de ser significativa como parte de um patrimônio imperial e tornou-se meramente uma propriedade privada⁶¹.

⁶¹ Savino 1999: 438-9.

BIBLIOGRAFIA

Obras clássicas

- Dion Cássio. *Roman History: The reign of Augustus* (Books 50-56). Tradução de Ian Scott-Kilvert, com introdução de John Carter. London: Penguin Classics, 1987.
- Dion Cássio, *Roman History 56-70*. LOEB Classical Library. Traduzido por Earnest Cary. Vol. 7. London: Cambridge University Press, 1924.
- Plínio O Velho. *Natural History*. LOEB Classical History. Traduzido por H. Rackman. London: Cambridge University Press, 1940.
- Suetônio. *Lives of the Caesars*. LOEB Classical Library. Traduzido por C.J. Rolfe. Vol. 1 e 2. London: Cambridge University Press, 1928.
- Tácito. *The Annals*. LOEB Classical Library. Traduzido por John Jackson. London: Cambridge University Press, 1923.
- Veléio Patérculo. *Compendium of Roman History*. LOEB Classical Library. Traduzido por Frederick W. Shipley. London: Cambridge University Press, 1924.

Obras de referência

- Cássola, F. (1991), “La conquista romana. La regione fino al V secolo d.C.”, in G. Carratelli, G. (org), *L'Evo antico*. Napoli, 103-151.
- D'Arms, J. (1970), *Romans on the Bay of Naples*, Harvard. Harvard University Press.
- Federico, E. (1999), “Capri dall’espansione cumana nel Golfo (VII a.C.) al *foedus Neapolitanum*”, in E. Federico, (org.), *Capri Antica – dalla preistoria alla fine dell’età romana*. Capri, 375-416.
- Houston, G. W. “Tiberius on Capri”, *Greece and Rome* 32: 179-196.
- Krause, C. (2005), *Villa Jovis: L’Edificio Residenziale*. Nápoles.
- Maiuri, A. (1956), *Capri: Histoire et Monuments*. Roma.
- Rogers, R.S. (1946), “Tiberius’ Travels, A.D. 26-37”, *The Classical Weekly* 39: 42-4.
- Rutledge, S. H. (2008), “Tiberius’ Philhellenism”, *The Classical World* 101: 453-467.
- Savino, E. (1999) “Capri dal *foedus Neapolitanum* (326 a.C.) ao VI secolo d.C.”, in: Federico, E. (org) *Capri Antica – dalla preistoria alla fine dell’età romana*. Capri, 375-416.
- Shotter, D. (2004), *Tiberius Caesar*. London.